



**Ambiente & Educação**  
Revista de Educação Ambiental

E-ISSN 2238-5533

Volume 26 | nº 1 | 2021

Artigo recebido em: 18/12/2020

Aprovado em: 11/03/2021

**Kathy de Freitas Marinho dos Reis**

[Professora da educação básica do município de Cuiabá, SMEC. Mestranda em Ensino pelo IFMT.]

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6955-1295>

**Ronaldo Eustáquio Feitoza Senra**

[Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do estado de Mato Grosso - IFMT.]

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0801-1970>

## O ANTI-INTELLECTUALISMO E A ESPIRAL DO SILÊNCIO: A MANUTENÇÃO DA IGNORÂNCIA E O MEDO DO ISOLAMENTO COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA

Anti-intellectualism and the spiral of silence: maintaining ignorance and the fear of isolation as a political strategy

### Resumo

Este artigo faz parte da pesquisa intitulada: “O Anti-intellectualismo e a Educação Ambiental: Implicações ao Debate da Crise Climática”, pesquisa do Mestrado em Ensino, PPGEN/IFMT, inserida no Grupo de estudos em Educação Ambiental e Educação Campesina - GEAC. Objetiva evidenciar o fenômeno do Anti-intellectualismo como mecanismo de manipulação política na atualidade brasileira, sendo o aporte metodológico o Materialismo Histórico Dialético. A Teoria da Espiral do Silêncio auxilia na fundamentação do artigo, afirmando o fenômeno do Anti-intellectualismo como ferramenta de manipulação e controle. Afirma-se que o pensamento anti-intellectual impacta negativamente o meio ambiente e agrava a condição de Crise Climática.

**Palavras-chave:** Anti-intellectualismo; Espiral do Silêncio; Política; Resistência.

### **Abstract**

This article is part of the research entitled: “Anti-intellectualism and Environmental Education: Implications for Debating the Climate Crisis”, research by the Master in Education, PPGEN / IFMT, inserted in the Study Group on Environmental Education and Rural Education - GEAC. It aims to highlight the phenomenon of Anti-intellectualism as a mechanism of political manipulation in Brazilian today, with the methodological contribution being Dialectical Historical Materialism. The Spiral of Silence Theory helps to substantiate the article, affirming the phenomenon of Anti-intellectualism as a tool for manipulation and control. Anti-intellectual thinking is said to negatively impact the environment and aggravate the condition of Climate Crisis

**Keywords:** Anti-intellectualism; Spiral of Silence; Politics; Resistance.

### **Introdução**

A pesquisa de mestrado ao qual este artigo faz parte, é intitulada: “O Anti-intellectualismo e a Educação Ambiental: Implicações ao Debate da Crise Climática”, como parte no PPGEN/IFMT, linha 2: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação. A pesquisa foi aprovada pelo Edital 46/2019, PROPES/IFMT, inserida também na Rede de Educação Ambiental e Justiça Climática-REAJA. Como parte dos resultados da pesquisa um ebook e um vídeo documentário foram elaborados<sup>1</sup>. Evidenciando a importância de dar visibilidade às questões ambientais, a pesquisa buscou descrever e interpretar os impactos do pensamento Anti-intellectual na Educação Ambiental e suas implicações na Crise Climática, na intenção de desvelar o fenômeno como prejudicial, um instrumento de manipulação política, evidenciando a discussão ambiental como uma questão política e econômica, implicando uma discussão na causa de toda degradação ambiental, o capitalismo. O Anti-intellectualismo e a Espiral do Silêncio nessa perspectiva de denúncia, são ferramentas de manutenção do poder de uns poucos.

---

<sup>1</sup> Anti-intellectualismo, o negacionismo e a Educação Ambiental: Implicações ao Debate da Crise Climática. Pará de Minas, MG: VirtualBooks Editora. Publicação 2020. Edição epub. ISBN 978-65-5606-080-4. Disponível em: file:///C:/Users/kathy/Downloads/O-ANTI-INTELECTUALISMO\_-O-NEGACIONISMO-1%20(1).pdf . Vídeo: Anti-intellectualismo e Educação Ambiental: Kathy Reis. Canal Ronaldo Senra Youtube. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=dFpLEkfQAg&t=340s&ab\\_channel=RonaldoSenra](https://www.youtube.com/watch?v=dFpLEkfQAg&t=340s&ab_channel=RonaldoSenra) . Acesso em: 09 de março de 2021.

A pesquisa a qual este artigo é participante, tem como aporte metodológico o materialismo histórico dialético, objetivando a compreensão do fenômeno a partir da categoria de totalidade, que implica aspectos, históricos, sociais, econômicos, políticos, exposto no livro “O Capital” Crítica da economia Política (MARX, 1968).

A dimensão da Dialética do método está relacionada diretamente às contradições da luta de classes. Para o pensador as ações humanas se desenvolvem mediante aos conflitos de classes, envolto em ideologias. “Para Marx, o que caracteriza a ideologia é o mascaramento da realidade, que distorce os fatos, ou a imposição de uma visão particular de classe, no intuito de impedir a percepção das contradições sociais” (MEIER, 2014, p.352), comentário do fragmento do livro Ideologia Alemã (1997). Na concepção do fenômeno Anti-intelectual, este está relacionado à questão econômica e política, em uma nítida utilização do mesmo como ferramenta de manipulação do poder.

O instrumento da pesquisa foi o da entrevista, com um questionário semiestruturado. Cinco educadores ambientalistas foram entrevistados, Michèle Sato, Marcos Sorrentino, Irineu Tamaio, Phillipe Layrargues e Heitor Medeiros. Cada uma das cinco entrevistas ocorreu em períodos diferentes, adequado à agenda dos educadores. Todas as entrevistas foram transcritas, analisadas e afirmadas juntamente ao corpo teórico. A Educação Ambiental na perspectiva crítica, transformadora, emancipatória, justificou as premissas do método: descrever, interpretar e transformar. Descrever as definições de Anti-intelectualismo, Educação Ambiental, Crise Climática, na perspectiva de uma transformação da realidade. A Educação Ambiental nesse percurso serviu como ponte para discussão da Crise Climática, pois, no que consta a ciência, é eminente a condição de extinção das espécies, proveniente de uma forma predatória e exploratória de produção material, que amplia as injustiças e desigualdades sociais, colocando as populações em situação de vulnerabilidade na linha de frente dos impactos ambientais, sendo urgente uma abordagem mais eficaz e crítica da realidade.

O conceito de Anti-intelectualismo, ou seja, o que se opõe ao que é intelectual, hostilizando e negando diretamente o cultivo do saber, surge no contexto brasileiro atual, em um momento conjugado de crise política e econômica, assim como, disputas partidárias, denúncias de corrupção, um impeachment e uma enxurrada de ataques a ciência, configurando o pensamento anti-intelectual no país. A pesquisa se atém a esse recorte do fenômeno no país. Considerando os possíveis impactos da disseminação desse pensamento que esta pesquisa surge. Emerge do anseio pessoal de desvelar o pensamento anti-intelectual como tóxico a uma sociedade que vivencia uma democracia frágil e pueril, correndo um sério risco nas mãos de líderes autoritários e negacionistas. Demonizando a figura do intelectual, utilizando da moral religiosa, de um pseudo patriotismo, do populismo, da apologia à ignorância, fatos que também conduzem a discussão sobre o papel da ciência e do intelectual em uma sociedade que vivencia um abismo social entre a academia e a população, sendo o academicismo ainda presente em muitas instituições, fato também utilizado pela extrema direita, na descredibilização do intelectual e da ciência.

Partindo das considerações dos entrevistados, foram descritas as definições da Educação Ambiental na perspectiva crítica, buscando uma reflexão sobre a mesma na sociedade brasileira, as definições sobre a condição de Crise Climática, evidenciando a emergência em dar visibilidade ao tema, assim como a definição do fenômeno do Anti-intelectualismo e seus impactos, desvelando o pensamento como ferramenta de manipulação política que tem prejudicado o meio ambiente. Os entrevistados também evidenciaram seus mecanismos de resistência como ferramenta de transformação.

### **O desprezo ao pensamento crítico como estratégia política**

O fenômeno do Anti-intelectualismo: “a desconfiança e o ressentimento contra o mundo do intelectual e contra aqueles que são identificados como seus representantes, bem como a permanente disposição de preservar o valor dessa vida” (HOFSTADTER, 1963, p. 10). Este fenômeno encontra campo fértil na política brasileira atual. O ódio, o descrédito ao cultivo da inteligência, à ciência,

ao conhecimento de uma forma geral, apesar de parecer um termo novo, já se apresenta há muitas décadas no contexto histórico político de muitos países, entendendo também, a complexidade do termo e a impossibilidade de uma estreita definição, por considerar as diferentes motivações.

Cunha (2019) afirma que o Anti-intelectualismo se fez presente durante muitos anos na Itália fascista, na Hungria com Viktor Orban, defensor ferrenho do liberalismo, impondo uma cultura oficial, vetando tudo que não esteja ideologicamente alinhado aos objetivos de seu governo. Na Turquia de Tayyip Erdogan, com um governo autoritário, atacando entre outros: professores, intelectuais, jornalistas e ativistas. O Macartismo<sup>2</sup> e o Trumpismo nos Estados Unidos, com um governo populista, autoritário, como o de Matteo Salvini na Itália; e no Brasil, o bolsonarismo, conduzindo o país ao autoritarismo e investindo contra as universidades, entre outros.

A fermentação política e a controvérsia educacional dos anos cinquenta fizeram do termo anti-intelectual o epíteto central na autoavaliação americana; ele introduziu-se discretamente em nosso uso, sem uma definição muito precisa, e é comumente usado para denominar uma variedade de fenômenos desagradáveis. Aqueles que abruptamente dele tomaram consciência julgam quase sempre que o Anti-intelectualismo é uma nova força nesta ou naquela área da sociedade e que sendo um resultado das condições atuais, poderá desenvolver-se de forma avassaladora (HOFSTADTER, 1963. p. 9).

Segundo o que afirma Hofstadter (1963), historiador norte americano, o pensamento anti-intelectual pode se tornar uma força em alguma área da sociedade, o desenvolvimento avassalador desse pensamento pode afetar um país inteiro, que é o caso do Brasil atual. Um presidente, com discursos autoritários, preconceituosos e extremamente negacionista, foi eleito, e tem conduzido o país a uma significativa desregulamentação legal, especialmente nas áreas da Educação e do Meio Ambiente. Com um discurso maniqueísta, ou seja, simplificando o país entre bons e maus, com o “antipetismo”, criou-se um nevoeiro retórico que escondia seus reais interesses, assim como seus apoiadores, os

---

<sup>2</sup>Foi um polêmico movimento político norte-americano para tentar combater o comunismo no país nos anos 1950 – mesmo que isso significasse violar o direito civil à opinião política, previsto na Constituição. Motivado pela paranóia da Guerra Fria, entre EUA e URSS, o macarthismo foi personificado pelo senador republicano Joseph McCarthy – daí seu nome (HOFSTADTER, 1963).

agropecuarias, mineradoras, latifundiários, grupos que representam o avanço do dito “progresso”, ainda se encontram nesse grupo, a indústria armamentista, empresários, especuladores financeiros e grupos religiosos, que encontraram em um discurso moral cristão, amparo para imposição religiosa em um país constitucionalmente laico, considerando ainda dentro dessa lista de apoiadores, parte da comunidade intelectual brasileira.

Comentando a própria condição de seu país nos anos cinquenta, Hofstadter (1963) explica que o possível surgimento do fenômeno de negação da ciência, da racionalidade, aconteceu durante o macartismo, que o ódio aos intelectuais foi disseminado. McCarthy, senador eleito em 1946 perseguia em tom exaltado intelectuais de sua época, sugerindo a inteligência crítica como uma ameaça, em uma defesa clara, do tecnicismo essencialista, puro, efetivo e instrumentalista. Suas investidas contra universidades e intelectuais passaram a ser imitadas por uma horda de inquisidores, com o discurso convincente de ameaça vermelha<sup>3</sup>.

A retórica de ameaça vermelha é um recurso de exacerbação dos EUA contra a URSS. Durante quarenta anos EUA e URSS disputavam a hegemonia política econômica, contrastando dois modelos, o capitalista e o socialista. Essa disputa é intitulada como “guerra fria”, pois nunca chegou às vias de fato. O ápice do embate foram: a corrida armamentista, corrida espacial e a crise dos mísseis com uma base Norte Americana na Turquia e uma Soviética em Cuba, ocasionando o eminente perigo de uma guerra nuclear (CORREA, 2014).

Depois de mais de três décadas da dissolução da URSS, e a entrada do bloco socialista no capitalismo de mercado, a retórica de “ameaça vermelha” ressurge no discurso de posse do então presidente eleito Jair Bolsonaro em 2019<sup>4</sup>. A semelhança entre o macartismo e o bolsonarismo é incontestável,

---

<sup>3</sup> Discurso anticomunista ganhou relevância tanto em 1964, quanto em 2016. Contudo, ao longo da história do século XX, no Brasil e no mundo, o imaginário anticomunista esteve presente em outros contextos e uma “ameaça vermelha” ganhou corações e mentes, levando ao medo e à paranoia. (A ameaça vermelha: medo e paranoia anticomunista) Artigo disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/anticomunismo/>

<sup>4</sup> Após receber a faixa presidencial, Bolsonaro afirmou que: “não se pode deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros, ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerces da nossa sociedade”, concluindo ele declara que: “aquele era o dia em que o povo começaria a se libertar do socialismo” (ALMEIDA, 2019, p.1).

apresentando apenas uma diferença, na época de McCarthy o comunismo poderia ser considerado como uma ameaça, hoje não mais (ROQUE, 2019).

Em 2018, quando ainda candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, demonstra dentre muitas outras frases, seu desprezo pelo pensamento crítico, quando diz: “ninguém quer saber de jovem com senso crítico”, sua menção é a uma de suas bandeiras de campanha, a instalação de colégios militares por todo país, representando o ápice deste modelo, já que o militarismo não se questiona, não há espaço para a criticidade, mas, apenas se obedece a ordens. Em 2019, já eleito, não fugindo às promessas de campanha, em entrevista, relata o que espera da educação brasileira: “queremos uma garotada que comece a não se interessar por política, como é atualmente dentro das escolas, mas que comece a aprender coisas que possam levá-las ao espaço no futuro” (BASÍLIO, 2019, p.1).

A fala do presidente vai ao encontro a uma total ignorância do que seja política ou uma ação deliberada de restringir a prática da política somente a um grupo privilegiado de atores. Esse modelo de educação contempla muito mais a disciplina do que a cidadania. Uma educação voltada para o trabalho e uma obediência servil, contrapondo-se a uma educação emancipadora, política e revolucionária. Criando assim, uma ilusão da realidade. Isso quando essa formação chega à sociedade, pois, a maior parte dela, está à margem, sem acesso, sem oportunidades. O que leva grande parte da população a desacreditar nas instituições formadoras, assim como nos intelectuais que lá habitam. Crítica feita pelo professor Layrargues, em entrevista a pesquisa ao qual este artigo participa, a respeito do papel exercido hoje pela educação ambiental:

“Acho que o acidente de percurso nas últimas eleições, que trouxeram o signo do anti ecologismo para o centro do poder, estão ajudando a compreender as limitações da EA e como ela se transmuta lentamente ao longo do tempo. Fica claro para mim, cada vez mais, que a EA brasileira foi domesticada. Discutiu-se longamente se a EA deveria ser ou não ser uma disciplina, enquanto ela foi disciplinada. Ela perdeu a radicalidade da crítica. Se rendeu ao discurso - e prática - do ambientalismo pragmático, de resultados, rendeu-se ao discurso homogeneizador e pacificador da agenda do Desenvolvimento Sustentável”.

Diante da afirmação, o educador relata sua visão crítica do que se tornou a Educação Ambiental hoje. O termo utilizado, “domesticada”, reacende a discussão materialista/histórica/ de uma luta de classes latente no país. Quem domesticou a Educação Ambiental? Com qual intenção a Educação Ambiental foi silenciada? Seu potencial de criticidade e radicalidade reduzidos a conteúdos e normas, curvando-se ao capital, que nesse contexto, torna-se o tutor do que deveria ser a Educação Ambiental. A questão da Educação Ambiental está relacionada diretamente a essa dimensão política e econômica, ou seja, não se abre mão de um bem individual a favor de um bem comum. O Anti-intelectualismo nesse sentido, assim como a educação, são utilizados como ferramenta de manipulação política para a manutenção do sistema capitalista.

Ao se desvelar o Anti-intelectualismo como tóxico, não se pretende afirmar que todo intelectual seja sempre ético e idoneamente isento da responsabilidade da disseminação do negacionismo científico ou da reprodução de um sistema que mantém a desigualdade, fomentando as injustiças. Há a necessidade de reavaliação do papel exercido pela academia e seus intelectuais frente à maior parte da sociedade excluída, porém, diante da realidade de ataque direto às instituições fazedoras de ciência, é necessária uma pronta defesa. Sendo o intelecto o aspecto crítico fundamental na formação humana, sendo este formado também nas academias. Para Hofstadter (1963):

O intelecto por sua vez, é o aspecto crítico, criador e contemplativo da mente. Onde a inteligência procura apoderar-se, manipular, reordenar, ajustar, o intelecto examina, pondera, inquire, teoriza, imagina. A inteligência apanhará o sentido imediato de uma ação e o valorizará. O intelecto avalia as valorizações e procura o significado das situações como um todo (p.32).

O pensador descreve acima o que a técnica não é capaz de fazer, pois, ela privilegia a ação prática em detrimento da ação intelectual. O populismo, outra característica do fenômeno do Anti-intelectualismo, faz seu apelo junto ao povo utilizando de concepções moralistas do mundo político. O descrédito ao representante político é estimulado, criando uma antipatia as questões políticas, assim como, uma dicotomia entre os cidadãos moralmente puros e um outro grupo corrupto e imoral, geralmente esse segundo grupo é composto por uma

elite intelectual, o que torna muito compreensivo que no imaginário populista o intelectual seja um inimigo (HOFSTADTER, 1963).

Na atual conjuntura brasileira se vê presente a característica citada acima, o populismo<sup>5</sup>. O que se pode observar é uma mobilização insuflada por discursos autoritários e populistas, fomentando a polarização política, colocando de um lado, “os cidadãos de bem” e de outro, os “degenerados”. Um maniqueísmo simplista que tenta reduzir a complexidade da sociedade entre bem e mal<sup>6</sup>. É preciso reafirmar que pela Constituição Federal (BRASIL, 1988) o Estado Brasileiro é laico, e o país desde o período republicano de 1890, conseguia via regras legais desvincular as questões governamentais do país com as da igreja, que sempre estiveram presentes no processo histórico. Importante também ressaltar, o crescente número de evangélicos no país, que imbuídos da moral religiosa, ajudaram a eleger o atual presidente, conseguindo instituir no congresso federal a “bancada da Bíblia”. Com base em uma pesquisa do Datafolha, o doutor em demografia José E. D. Alves da Escola nacional de Ciências Estatísticas ENCE/IBGE, apresenta dados que comprovam a afirmação acima, considerando a intenção de voto de 56% para Bolsonaro e 44% para Haddad são os percentuais utilizados para o cálculo (ALVES, 2018):

[...]Bolsonaro ganhou de pouco entre os católicos (houve praticamente um empate) e também ganhou entre os espíritas e as outras religiões (mas sem uma diferença tão significativa no montante de votos). Haddad ganhou entre as religiões Afro-brasileiras, entre as pessoas que se auto declaram sem religião e entre os ateus e agnósticos (mas também sem uma diferença tão significativa no montante de votos). O que fez a diferença foi o peso do voto evangélico, pois a estimativa indica que Bolsonaro tem mais de 11 milhões de votos do que Haddad no eleitorado evangélico (em todas as suas múltiplas denominações) (ALVES, 2018, p.2).

---

<sup>5</sup>No dia vinte de abril de 2020, em entrevista no Palácio do Planalto, o presidente da República, afirmou defender o Congresso Federal e o Supremo Tribunal Federal, abertos e transparentes, ainda afirmou ser ele a própria Constituição. Isso ocorreu após um ato pró intervenção militar, onde seus apoiadores, enunciaram palavras de ordem, como o fechamento do congresso e do STF e a volta do Ato Institucional AI 5, ato que entrou em vigor no ano de 1968, período em que o país passava por uma ditadura, o ato retirou muitos direitos constitucionais, colocando o poder executivo nas mãos do presidente (SCHUQUEL, 2020).

<sup>6</sup> Durante um discurso em Campinas, quando ainda em campanha eleitoral, o atual presidente compartilhou a máxima da polarização do povo, se referindo ao contexto religioso do país: “O Estado é cristão, a minoria tem que se curvar para a maioria” (MAGALHÃES, 2018, p.1).

O apelo aos valores morais religiosos foi um dos fatores relevantes na ascensão da extrema direita no país, em um momento de crise econômica, denúncias de corrupção e descrédito aos governantes, um discurso autoritário, moralista e negacionista, ganha a confiança da população, que imersa em uma necessidade de manter a condição material da vida e impregnada de um moralismo cristão, espera angustiada por um “messias”<sup>7</sup>.

Em meio à onda anti-intelectualista, não causa surpresa que a lógica do pensamento passa a trabalhar com categorias pré-modernas como o “messianismo” e a “peste”. O messianismo identifica-se com a construção de heróis e salvadores da pátria (seres diferenciados, bravos e destemidos, mas que não são necessariamente cultos ou inteligentes, nem corajosos, mas usam uma performance política em que gritar e esbravejar provocam efeitos populistas). A lógica da peste identifica cada um dos problemas brasileiros como um mal indeterminado, em sua extensão, em suas formas e em suas causas, mas tangível e mortal, contra o qual só Deus ou pessoas iluminadas podem resolver. Só há messianismo e peste, fenômenos típicos de um conservadorismo carente de reflexão, onde desaparece o saber e a educação (TIBURI, 2016, p.1).

A religião judaico-cristã no contexto político brasileiro, presta um desserviço ao estado democrático de direito, imprimindo a todos um modelo moral religioso de sociedade, elegendo a intolerância, o autoritarismo e o negacionismo científico. Impondo o patriarcalismo, mantendo em opressão, mulheres, LGBTs, negros, indígenas, qualquer um que se oponha ao padrão moral estabelecido. O mesmo modelo de dominação que incentiva a condição de subalternidade, justificando as desigualdades e injustiças, a negação da ciência. Ciência essa, que não é possuidora da “verdade”, porém, é a que se contrapõe aos dogmatismos, que enredam grande parte da população a desacreditar em médicos e vacinas, por exemplo, em meio a uma pandemia mundial. Registros desse mecanismo de dominação datam do ano de 1642, quando ainda na colônia Americana, o puritanismo estava em ascensão, e seu líder religioso, John Cotton, afirma:

Quanto mais instruído e engenhoso sejas, mas pronto a agir por satanás serás [...] Livra-te da paixão insensata [...] pela sabedoria

---

<sup>7</sup>A palavra Messias entres aspas, faz referência ao nome do atual presidente da República: Jair Messias Bolsonaro.

dos Jesuítas, pela glória do Episcopado e pela magnífica situação dos Prelados. Digo-te que não te iludas com essas pompas e ostentações vazias, essas agradáveis imagens de uma condição vantajosa diante dos olhos da carne e do sangue, não te deixe levar pelos aplausos dessas pessoas (HOFSTADTER, 1963, p.58).

Afirmando o pensamento moral religioso no Brasil atual, apresenta-se o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, representado pela ministra Damares. Questionando o ensino da teoria da evolução nas escolas, ela afirma: “a igreja evangélica perdeu espaço na ciência, quando deixou a teoria da evolução entrar nas escolas” (HOLANDA, 2019, p.1). Somando a essa declaração polêmica do papel que a igreja deve exercer no ensino da população, afirma: “agora no Brasil, menino veste azul, menina veste rosa”, explicitando outro ideário religioso (PAINS, 2019, p.1).

As afirmações de Damares Alves refletem a condição da moral religiosa como ideologia vigente do governo atual. Oportunizando a discussão sobre como acontece a definição binária de macho e fêmea conforme o conhecimento metafísico religioso, nesse contexto evidenciando claramente a negação dos que fogem a esse padrão, como é o caso dos LGBTs.

A imposição da heteronormatividade, fomenta a discussão feita por Judith Butler, filósofa norte americana, que com a teoria da performatividade de gênero, considera a condição social de formação de gênero, ou seja, “não se nasce mulher, se torna mulher”, como afirmou Simone de Beauvoir. Nesse embate é preciso considerar a condição da mulher e dos LGBTs, no contexto hetero patriarcal religioso e conservador, onde a opressão, a estereotipação dos gêneros e a violência se fazem presente. Butler busca contribuir para uma reflexão de liberdade de gênero, onde todos tenham a possibilidade de uma vida mais vivível, com alegria e dignidade. Ela ainda ressalta que o ser poderia usufruir mais plenamente de sua sexualidade quando superada a questão de gênero e todos fossem vistos como apenas seres humanos. O papel das instituições sociais em uma democracia deveria fomentar esta possibilidade e não privilegiar apenas um segmento (FRATESCHI, 2019). Tal realidade é afirmada pelo professor Sorrentino, entrevistado da pesquisa a qual este artigo participa:

[...] o obscurantismo, que é essa postura anti-intelectual, anti científica, que quer recolocar a humanidade na idade média, no período das trevas, nos comportamentos mais abjetos de uma religiosidade que quer ter pessoas, seres humanos, seguidores de falsas ideias, seguidores de “mitos” seguidores de falsos profetas, de religiosos embusteiros, que só desejam sequestrar o espírito humano, a iniciativa, a criatividade, a capacidade inventiva, a serviço da manutenção de um poder econômico que está na mão de poucos, de um poder econômico que não serve a totalidade da humanidade e muito menos aos não humanos [...]

Na intencionalidade da manipulação, conceitos morais servem como justificativas para a normatização, violência, autoritarismo, condicionando todos que divergem de suas ideologias a um único padrão: Comunista! Nova versão para: Herege! Antigo método de manipulação, a religião como mecanismo de manipulação política. O púlpito utilizado para a demonização ou canonização de pessoas que habitam Brasília. O endeusamento dos “messias” que utilizam ternos Armani e sapatos, ao invés de sandálias e batas simplórias. Viajam em carros blindados e jatinhos, comem lagosta e caviar com dinheiro público ao invés de uma vida minimalista em favor do coletivo.

No Brasil atual, não se grita “herege!”, mas “comunismo!”. É a acusação com a qual se demoniza a ciência e o progresso social. A emancipação de minorias e grupos menos favorecidos: Comunismo! A liberdade artística: Comunismo! Direitos humanos: Comunismo! Justiça social: Comunismo! Educação sexual: Comunismo! O pensamento crítico em si: Comunismo! (LIGHTERBECK, 2018, p.1).

Os ataques diretos às instituições de ensino é outra característica do Anti-intelectualismo tupiniquim. No sentido estrito da palavra, o termo tupiniquim remete a uma versão tropical para a representação do Anti-intelectualismo como sendo também, uma característica do fascismo. A versão abrazeirada fascista atual, contrapõe todo o trabalho desenvolvido em favor à diversidade, aos direitos humanos, da educação sexual, do desenvolvimento da ciência, realizados por instituições de ensino. Em um momento de obscurantismo durante as eleições presidenciais em 2018, Caldas afirma a existência de características fascistas:

Eles não toleram as diferenças culturais, promovem a cultura do ódio e da violência, defendem o racismo e a homofobia, fazem o apanágio da tortura e da ditadura, consideram os negros “malandros” e os índios “indolentes”, conforme declaração de um general que devia envergonhar o Exército brasileiro. Que ficou mudo. Manifestam desprezo pelos brasileiros ao tentar apagar as

diferenças marcantes na formação histórica do país. Defendem abertamente a instalação de um regime com características fascistas, embora não tenham a coragem de assumir o nome. [...]Os novos fascistas tupiniquins, sucessores dos integralistas de Plínio Salgado, constituem uma minoria que saiu do armário, embalados pela fase atual do capitalismo globalizado. O mundo fez uma guinada à direita, inventou novas bruxas [...] (CALDAS, 2018, p.1).

Desde sua posse o presidente atual e sua equipe têm evidenciado seus objetivos, pois como afirma Tiburi (2016, p.1) “o lugar do saber é um lugar de poder”. E para um governo autoritário, isso pode ser um risco. A desqualificação do espaço de ensino público, tem se mostrado uma estratégia política para justificação de práticas neoliberais, como a privatização. Para servir ao “mercado” e para a manutenção do poder se faz necessário colocar a população em um estado de não criticidade e alienação, sendo as universidades públicas as maiores fomentadoras do pensamento crítico, porém, não únicas, são as que são mais atacadas.

O projeto antidemocrático que naturaliza e justifica a distribuição das pessoas segundo status desiguais – expressão explícita do conservadorismo brasileiro- costuma recusar o debate intelectual quando este se aplica à busca de superação das desigualdades. Tendências anti-intelectuais deste tipo têm aparecido, por exemplo, nos ataques feitos às ciências humanas, tidas como inúteis, e à universidade pública em geral, por esta abrigar pesquisas que questionam a reprodução da sociedade tal como ela é (ACSELRAD, 2018, p.1).

Ricardo Vélez Rodríguez, primeiro ministro da educação do governo atual, afirmou em alto e bom som que: “As universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual, que não é a mesma elite econômica do país” (PASSARELLI, 2019, p.1). O que ainda é uma realidade, mesmo com a política de cotas, um pequeno grupo de trabalhadores que conseguem acessar a universidade, ainda precisam fazer um esforço sobre humano para permanecer estudando. Considerando que, em um país com índice de desigualdade elevado, um trabalhador não pode se dar ao luxo de apenas estudar. O que historicamente demonstra a efetivação da teoria da escola dualista, ou seja, uma escola para ricos e outra para pobres, reproduzindo a desigualdade, muito própria da luta de classes destacada pelo pensamento marxista.

A pesquisa desigualdade social em 2017, mostrou que: “1% da população detém quase 30% da renda no país, ainda, os 5% mais ricos da população recebem por mês o mesmo que os 95% juntos” (ROSSI, 2017, p.1). Demonstrando o abismo social e a luta de classes no âmbito educacional. Somando a esses dados, estão os inscritos do ENEM 2019, cinco milhões de inscritos para menos de trezentas mil vagas em universidades públicas (TOKARNIA, 2019), é o retrato do descaso à formação educacional da população, intencionalmente programada para mão de obra explorável e barata.

Está na moda um Anti-intelectualismo horrendo, alimentado pela falsa noção de que a democracia significa que a minha ignorância é tão boa quanto o seu conhecimento, segundo dizia o escritor Isaac Asimov (...), mas os novos pesquisadores do Brasil não querem Marx. Acham que o contato com a obra dele transformaria qualquer estudante em marxista convicto. Acreditam que o próprio saber é nocivo-igual aos inquisidores. E, como bons inquisidores, exortam à denúncia de mestres e professores. A obra 1984, de George Orwell, está se tornando realidade no Brasil em 2018 (...) é exatamente esse o problema: A ignorância de hoje conta mais que o conhecimento (LICHTERBECK, 2018, p.1).

É nesse cenário que o primeiro ministro foi exonerado e Abraham Weintraub foi nomeado em seu lugar, e como primeira medida de sua gestão, anunciou a retenção de 30% das verbas destinadas a três grandes universidades, UNB, UFF e UFBA, com o argumento de que essas instituições eram promovedoras de “balbúrdias”, logo depois, a medida foi estendida a todas as universidades do país (SALDAÑA, 2019). Depois de um histórico de descaso com a educação brasileira, em erros na correção do último ENEM, casos de racismo contra a China, de sabatinas no senado por não utilizar as verbas para a educação em tempo hábil, ainda, em uma reunião ministerial, sugere que Ministros do STF sejam presos (WEINTRAUB, 2020). Depois do mal estar da reunião, o ministro precisou ser demitido, e recebeu como prêmio, um emprego no Banco Mundial, como diretor representante do Brasil e de mais oito países, com um salário sem incidência de impostos de mais cem mil reais mensais (AMADO, 2020).

No Brasil atual a luta pela desqualificação dos espaços de ensino, em especial as universidades públicas, é a representação explícita do Anti-intelectualismo e tal ato é recompensado, como afirmado acima. Como um mecanismo político que legitima a desigualdade, tratando o trabalho intelectual

com descrédito, colocando estudos aprofundados em pé de igualdade com notícias e informações em redes sociais. No plano neoliberal de massificação, os conceitos de pensamento crítico são negados, Marx, Paulo Freire, ou qualquer um que estimule a população a pensar são colocados na posição de algozes.

Diante da identificação do fenômeno negacionista, cabe expor parte dos impactos deste, nas questões ambientais, concebendo até aqui, o papel da ciência e do intelectual, não como possuidores da “verdade”, o que seria um dogmatismo também, ou que estes estejam contra os anti-intelectuais, ou que não existam intelectuais que tenham apoiado o autoritarismo e o negacionismo, mas sim, é uma questão do negacionismo contra a realidade e os seus desdobramentos empíricos, as desregulações das leis ambientais, as campanhas anti-vacina, os ataques a educação pública, a saúde pública, através das “teorias conspiratórias” que servem para mascarar suas reais intenções, a manutenção de um sistema de governo que não responde às necessidades de todos, exploratório e predatório que luta pela manutenção da classe dominante, à custa da alienação da grande massa de trabalhadores.

Os impactos do Anti-intelectualismo atingem diretamente a questão ambiental<sup>8</sup>. As justificativas para os “desastres” ambientais no Brasil são inúmeras, mas, nenhuma apresenta uma preocupação legítima com o meio ambiente. Os discursos em nome de uma economia forte que favoreça o agronegócio, as indústrias, a pecuária, entre outros, tem desacreditado toda pesquisa que se apresenta contrária ao modelo neoliberal estabelecido e está refletido no afrouxamento das políticas públicas de preservação e conservação

---

<sup>8</sup> O atual cenário político e socioambiental brasileiro demonstra o resultado do desmonte realizado pelo Governo Bolsonaro, os ataques constantes contra os órgãos e entidades socioambientais, além dos discursos contra a atuação dos servidores e as normas ambientais. Desde 2019, com o início do atual governo, tem havido um aumento em número e extensão dos incêndios florestais, expansão do desmatamento da Amazônia; vazamento de óleo atingiu diversos pontos da costa brasileira sem que o governo se mostrasse capaz de dar uma resposta rápida e competente que possibilitasse descobrir os responsáveis por sua origem; as tentativas de incriminar e intimidar indígenas, ambientalistas e organizações não-governamentais, além de intimidação e cerceamento da ação dos servidores da área ambiental, resultando em um real e deliberado desmonte das instituições públicas de meio ambiente. ASCEMA- Dossiê disponível em: [https://static.poder360.com.br/2020/09/Dossie\\_Meio-Ambiente\\_Governo-Bolsonaro\\_revisado\\_02-set-2020-1.pdf](https://static.poder360.com.br/2020/09/Dossie_Meio-Ambiente_Governo-Bolsonaro_revisado_02-set-2020-1.pdf).

ambiental<sup>9</sup>. Muitos são os exemplos das violações na área ambiental brasileira: A reforma Ministerial<sup>10</sup> do governo atual, possibilita o desmonte e o controle a ruralistas dos órgãos ambientais. O esvaziamento da pasta do Meio Ambiente, desestruturando o IBAMA, os servidores sob o efeito da lei da mordaza<sup>11</sup>, o ICMBio, com a retirada de autonomia dos servidores no que diz respeito às questões de fiscalização ambiental<sup>12</sup>, contrariando a própria Constituição Federal, em seu artigo 6º da lei 6.938/81, redação dada pela Lei 8028/90<sup>13</sup>, dispendo sobre

---

<sup>9</sup>01/12/2018 – O presidente eleito critica os órgãos de controle e gestão ambiental afirmando que eles emitem “multas a torto e a direito”. E completou afirmando: “Não vou mais admitir o Ibama sair multando a torto e a direito por aí, bem como o ICMBio. Essa festa vai acabar”. Bolsonaro prossegue com o discurso de quando era parlamentar. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2018/12/01/bolsonaro-critica-ibamae-icmbio.htm> Acesso em 13 de setembro de 2020.

<sup>10</sup> A reforma Ministerial da Gestão Bolsonaro (MPV 870/2019) possibilitou o desmonte e o controle por ruralistas de órgãos ambientais, direitos de populações indígenas e tradicionais. O Ministério do Meio Ambiente (MMA) é esvaziado de competências e perde a capacidade de formular e conduzir algumas políticas fundamentais para as competências históricas (e lógicas) da pasta. A Secretaria de Mudanças do Clima e Florestas é extinta, além disso, o SFB (Serviço Florestal Brasileiro) e o CAR (Cadastro Ambiental Rural) vão para o MAPA e a Agência Nacional de Águas (ANA) vai para o Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR). A FUNAI deixa o Ministério da Justiça e de Segurança Pública (MJSP) e vai para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. A competência de demarcação de terras indígenas, contudo, vai para o MAPA. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-isa/a-anatomia-do-desmontedas-politicas-socioambientais> Acesso em 13 de setembro de 2020.

<sup>11</sup> – O Ministro do Meio Ambiente estabelece a “lei da mordaza” no Ibama e no ICMBio, proibindo que os órgãos atendam diretamente à imprensa. Logo, entrevistas e pedidos de informações precisam ser encaminhados à assessoria de comunicação do MMA. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/noticias/informacoes-sobre-ibama-e-icmbio-so-com-oministerio-do-meio-ambient> Acesso em 13 de setembro de 2020.

<sup>12</sup> Os servidores de órgãos ambientais federais (MMA, IBAMA, ICMBio e SFB), mesmo sofrendo com o assédio institucional e perseguição, vêm alertando sobre a gravidade dos problemas que, por sua vez, são reforçados pela falta de eficiência da gestão e a estratégia de desmonte. A desestruturação e enfraquecimento do MMA e de suas autarquias, como a extinção de setores e cargos de direção deixados vagos por longos períodos nos órgãos, contribuem para a paralisação e deliberada ineficiência das suas atividades. Além disso, a falta de critérios técnicos para a nomeação de pessoas, muitas sem conhecimento suficiente e sem experiência prévia para cargos de direção, com destaque para a substituição de servidores de carreira por militares das Forças Armadas ou policiais militares (inexperientes, porém obedientes), demonstram a intencionalidade do enfraquecimento da área ambiental na atual gestão.

ASCEMA. Dossiê disponível em: [https://static.poder360.com.br/2020/09/Dossie\\_Meio-Ambiente\\_Governo-Bolsonaro\\_revisado\\_02-set-2020-1.pdf](https://static.poder360.com.br/2020/09/Dossie_Meio-Ambiente_Governo-Bolsonaro_revisado_02-set-2020-1.pdf) Acesso em 13 de setembro de 2020.

<sup>13</sup> Art. 6º Os órgãos e entidades da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Territórios e dos Municípios, bem como as fundações instituídas pelo Poder Público, responsáveis pela proteção e melhoria da qualidade ambiental, constituirão o Sistema Nacional do Meio Ambiente - SISNAMA, assim estruturado: I - órgão superior: o Conselho de Governo, com a função de assessorar o Presidente da República na formulação da política nacional e nas diretrizes governamentais para o meio ambiente e os recursos ambientais; (Redação dada pela Lei nº 8.028, de 1990 . II - órgão consultivo e deliberativo: o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), com a finalidade de assessorar, estudar e propor ao Conselho de Governo, diretrizes de políticas governamentais para o meio ambiente e os recursos naturais e deliberar, no âmbito de sua competência, sobre normas e padrões compatíveis com o meio ambiente ecologicamente equilibrado e essencial à sadia

a Política Nacional do Meio Ambiente, e também, a transferência do serviço Florestal brasileiro do Ministério do Meio Ambiente para o Ministério da Agricultura; a redução e flexibilização por crimes ambientais, através de um decreto presidencial, que pode alterar o valor da multa aplicada ou até mesmo excluí-la (ALDRIN, 2019).

Não há aqui apenas uma discussão ou uma defesa da ciência e seus intelectuais, mas, a exposição da realidade do fenômeno anti-intelectual, negacionista, que tem impactado consideravelmente a população de um país inteiro e seu meio ambiente. O resultado de tal ação está representado nos quilômetros de florestas queimadas, assim como o pantanal, nos rios, terra, ar, contaminados pela absurda liberação de agrotóxicos. Na desregulamentação legal de proteção. Um retrocesso de mais três décadas de luta por políticas públicas ambientais a favor de toda vida. A estrutura governamental negacionista é uma forma de manutenção do sistema econômico, que quer manter a estrutura de exploração e desigualdade, fomentando as diferenças sociais e suas injustiças.

### **A Espiral do silêncio como estratégia política**

Elisabeth Noelle-Neumann, filósofa e política alemã, apresentou no ano de 1974 a teoria da Espiral do Silêncio. Teoria que busca explicar os efeitos, as mudanças, as formações e funções da opinião pública. Sua pesquisa é embasada na observação da concepção que o povo alemão tinha de si mesmo, partindo das opiniões que a mídia transmitia sobre essa questão. Descobriu então, que a mídia exerce mais poder sobre a população do que ela imaginava. Se deteve então, a buscar compreender a conexão entre a mídia e a mudança de opinião da sociedade e de como o indivíduo se cala diante de uma maioria (NOELLE-NEUMANN, 1995).

---

qualidade de vida; (Redação dada pela Lei nº 8.028, de 1990). III - órgão central: a Secretaria do Meio Ambiente da Presidência da República, com a finalidade de planejar, coordenar, supervisionar e controlar, como órgão federal, a política nacional e as diretrizes governamentais fixadas para o meio ambiente; (Redação dada pela Lei nº 8.028, de 1990). IV - órgãos executores: o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - Instituto Chico Mendes, com a finalidade de executar e fazer executar a política e as diretrizes governamentais fixadas para o meio ambiente, de acordo com as respectivas competências; (Redação dada pela Lei nº 12.856, de 2013).

Para a autora, as pessoas não são influenciadas apenas pelo que os outros dizem, mas, também, pelo que elas imaginam que os outros poderiam dizer. Sugere que se um indivíduo imagina que sua opinião está entre uma minoria, esta poderia ser desdenhada e assim, ele nem corre o risco de tentar expressá-la. “Para o indivíduo o não isolamento em si mesmo, é mais importante que seu não julgamento. Parece ser esta a condição da vida humana em sociedade: caso contrário, não será concretizada uma integração suficiente” (idem, p.118). Nesse sentido, o indivíduo se cala, por medo da rejeição, da punição e do isolamento, compactuando com a opinião da maioria. Nos seus estudos a pesquisadora trata a conceituação de opinião pública, no contexto abordado pela influência do que os outros dizem.

A partir dessas multidões dispersas em contacto íntimo, ainda que distante, por sua consciência da simultaneidade e interação criadas pela notícia, o jornal criará uma multidão imensa, abstrata e soberana, a que se chamará opinião. O Jornal completou assim a obra ancestral iniciada pela conversação, estendida pela correspondência, mas que sempre permaneceu em estado de esboço disperso e insinuado: a fusão das opiniões pessoais nas opiniões locais e destas, na opinião nacional e mundial, a grandiosa unificação da mente pública. Este é um poder enorme que só pode aumentar, porque a necessidade de estar de acordo com a opinião faz-se mais forte e irresistível à medida em que o público se torna mais numeroso, a opinião mais imponente e a necessidade se satisfazem mais a miudamente (HOHLFELDT, 1998, p.5).

O homem é um ser social. Se define a partir de sua convivência em sociedade, partindo daquilo que o outro pensa de si. Se realiza como humano no outro (MONTAIGNE, 2002). Acostuma-se então, a pensar a vida a partir do que o outro pensa, sendo assim, a opinião acaba formando o indivíduo. O ser humano está socialmente condicionado a busca pela aceitação do grupo, quando na natureza não se é aceito pelo grupo, se perde a “proteção e o convívio”, colocando o indivíduo ou o animal em ostracismo, fato que o amedronta, tornando-o cada vez mais suscetível a ceder diante de uma contradição ou oposição. A espiral do silêncio é compreendida nesse sentido, como mecanismo de controle de massas.

De acordo com que pensa Noelle-Neumann (1995) a espiral pode causar efeitos cognitivos, como a incerteza, a formação de atitudes e crenças, assim

como, os afetivos, integração, medo e neutralização e por último os efeitos comportamentais, como a imitação, o reforço ou a inibição de comportamentos.

Como tal teoria pode ser usada como estratégia política? Se uma linha histórica de todas as campanhas eleitorais políticas fosse traçada no país, seria percebido o papel fundamental da mídia tradicional em ditar regras, em decidir o que é tendência e o que não é, quem vai ganhar uma eleição ou quem vai perder, manipular dados, criando o jargão muito utilizado nesse meio: “o efeito manada”, e para não cometer injustiças, não se trata de um ataque aos meios de comunicação, é direito fundamental à liberdade de imprensa, o que se pretende é esclarecer o papel desempenhado por esta, em inúmeros contextos históricos. O professor Hohlfeldt, explica o que Noelle-Neumann pensava sobre o poder midiático:

A pesquisadora começava a chamar a atenção para o poder que a mídia possuía, muito especialmente a televisão, para influir sobre o conteúdo do pensamento dos receptores. Revisava ela, desta maneira as teses então correntes, de que a mídia afetava apenas parcialmente o público, contrapondo que na verdade, haveria uma tendência dos jornalistas em produzirem o que ela denominava então de uma consonância irreal quando relatam os acontecimentos (HOHLFELDT, 1998, p.1).

Quando a mídia diz que um número significativo de pessoas está seguindo determinada teoria, criando uma ilusão de ideia da maioria, fazendo com que de fato as pessoas acreditem que é o certo, dificultando a discordância de uma minoria, colocando as pessoas com uma posição minoritária em uma posição de conformismo e silêncio diante da opinião pública, se identifica a fomentação da espiral do silêncio. O que Neuman propõe é um questionamento de como essa opinião pública interfere na vida das pessoas.

Com o advento da internet, a mídia aumenta consideravelmente seu poder de manipulação. Surgem as redes sociais e canais independentes, que inicialmente possibilitaram mais acesso à informação, exemplos como, face book, twitter, WhatsApp, Instagram e inúmeros blogs, canais independentes, porém, mais do que informar, o que se visualiza hoje é a mesma utilização e mais tendenciosa ainda, dos meios de comunicação, as mídias sociais especialmente,

para manipular a opinião pública, ou seja, a mídia servindo de instrumento para o controle social.

Quando vídeos com notícias falsas, conhecidos como “fake News” são compartilhados na internet e são “viralizados” em pleno período eleitoral, percebe-se o tamanho da influência que a mídia exerce sobre uma massa desinformada pronta a acreditar. Importante ressaltar que, essa mesma mídia também cumpre o papel de informar. O jornal El País (BARRAGÁN, 2019) denunciou as notícias falsas que favoreceram a eleição do atual presidente em 2018:

Estas são algumas das informações falsas mais difundidas através de redes sociais em favor do político radical: Fatos:1. O “kit gay” para crianças de 6 anos que foi distribuído nas escolas[...] 2. O homem que apunhalou Bolsonaro é filiado ao PT e aparece numa foto com Lula[...] 3. A senhora agredida por ser eleitora de Bolsonaro (que na verdade era Beatriz Segall). [...]4. Haddad defende o incesto e o comunismo em um de seus livros. [...] 5. Se Haddad chegar ao poder, pretende legalizar a pedofilia (BARRAGÁN, 2018, p.1).

A questão é, como a população acredita nessas mentiras? Seria o poder da reprodução contínua de ideologias através da mídia? Nesse caso, as notícias falsas, conseguiram provocar nos apoiadores do então candidato, uma anestesia, capaz o suficiente para não questionar, mesmo diante de mentiras grosseiras e até mesmo afirmações antidemocráticas. Quando uma população não reage à fala de um representante político, exaltando um torturador como Ustra, que se destacou no período da ditadura brasileira, pelos requintes de crueldade nos métodos de tortura (MAZUI, 2019a), só pode ser, porque já foram convencidos que esse período de ditadura não aconteceu, e se aconteceu, somente pessoas “ruins” foram torturadas, pressupondo que existe um determinado grupo de pessoas aos quais se é permitido torturar. Ou quando não há reação, se não gritos de euforia, ao ouvir um candidato à presidência da república esbravejar em um palanque no Acre que iria “*metralhar toda a petralhada*”, referência ao partido de esquerda, o Partido dos Trabalhadores, PT (RIBEIRO, 2018).

O Bolsonarismo é o motor que movimenta a espiral do silêncio utilizada como ferramenta política, os discursos e ações da extrema direita que dirige o país hoje, são tão violentos, que deixou grande parte da população, perplexa, estarecida, atônita e por fim, calada. Mesmo a maioria da população prezando

pela democracia, pelos direitos civis, pelo politicamente correto, pelos ideais de igualdade, mais de cinquenta e sete milhões de cidadãos, elegeram a apologia à ignorância, o machismo, o racismo, a lgbtfobia, a imposição de um fundamentalismo religioso e a negação da ciência, um recuo civilizatório dramático (MAZUI, 2018b).

O momento atual evidencia a teoria da espiral do silêncio, pois, não é possível acreditar que tal população esteja alheia e totalmente insensível aos fatos, se não, manipulada através de meios de comunicação e por valores morais religiosos que exigem que pessoas pensem e ajam de forma padronizada, todos que fogem desse modelo, estão condenados ao isolamento e silenciamento. Importante ressaltar, que boa parte dos apoiadores do presidente hoje, se inscrevem na lista de eleitores arrependidos, e os que permanecem, fazem parte de uma elite, que conscientemente luta pela manutenção de sua condição social. Os trabalhadores do país, em sua maioria, estão alheios a sua condição de explorados, alienados por ideologias de grupos dominantes que utilizam a mídia como ferramenta de dominação política.

Quando o princípio fundamental em Sócrates de que “uma vida irrefletida não vale a pena ser vivida” (ATHENATEU, 2016, p.1) não é compreendida socialmente, todos pagam o preço. É necessária a reflexão, especialmente sobre a vida em sociedade, caso contrário, direitos podem ser retirados em nome da manutenção de um modelo de governo opressor, a exploração do proletariado pode ser estimulada em nome do “patriotismo”, a população deve fazer sacrifícios para “salvar o país”, agrotóxicos são liberados sem distinção em nome do “desenvolvimento agropecuário”, não importa se já é comprovado que alguns causam câncer (OLIVEIRA, 2019). Também nesse contexto, seres humanos devem ser segregados e perseguidos por pensarem diferente do modelo religiosamente imposto. Instituições reguladoras, como a ANVISA, o INPE, o IBGE, a FIOCRUZ, podem ser descredibilizadas se não seguem os princípios ideológicos do governo. O silêncio é o que se ouve, comportamento esperado por governos autoritários, que negam o pensamento crítico e enaltecem a obediência servil e cega.

## Resistir: Como estratégia política

Na Grécia, há dois mil e setecentos anos atrás, nasceu uma forma de governar, partindo de dois princípios metafísicos, que são: a racionalidade e a liberdade (ABBAGNANO, 2003). O autor define que:

A primeira definição de liberdade é a “liberdade como autodeterminação ou autocausalidade, segundo a qual a liberdade é a ausência de condições e de limites”. E a racionalidade é a capacidade humana do uso da razão, que é o referencial de orientação do homem em todos os campos em que seja possível a indagação ou a investigação, nesse sentido dizemos que a razão é a faculdade própria do homem, que o distingue dos animais”. Esses são princípios por onde a política se faz, a capacidade de determinar suas próprias leis e viver de acordo com elas, ou seja, é a racionalidade e a liberdade que proporciona a ideia de governo (ABBAGNANO, 2003, p.606).

Até a Grécia criar o conceito de política, o que existia era a dominação do pater poder, o poder militar e o poder sacerdotal. A partir daí, cria-se também os espaços públicos de discussões e deliberações, deixando claro que as decisões tomadas não foram tomadas de uma vez por todas, que erros podem ser corrigidos. Os fundos públicos, impostos, taxaçoão, também são criados com a intenção de impedir a concentração de propriedades nas mãos dos dirigentes. Na política Grega cada indivíduo delibera com outro e decidem o que é melhor para a coletividade, estipulando leis. Importante explicar que cidadãos na Grécia Antiga, eram apenas homens livres e gregos, mulheres, estrangeiros e escravos, ficavam fora (ABBAGNANO, 2003).

Para Aristóteles, “o homem é um animal político”, portanto, existe uma diferença entre o ser político, criação das cidades gregas e a tradução para animal social<sup>14</sup> feita por Tomás de Aquino, uma versão latina e cristã. Para os

---

<sup>14</sup> Ao ser traduzida para o latim, a expressão grega *Zoon politikon* foi ressignificada, recebendo a tradução de *animalis socialis*, através de Tomás de Aquino: *homo est naturaliter politicus, id est, socialis* (o homem é, por natureza, político, isto é, social)<sup>3</sup>. Para Arendt, a ideia de sociedade ou social era estranha ao grego, tendo sido retirada da cultura romana, porque a política na Antiguidade grega indicava uma certa aliança voluntária entre as pessoas para um fim específico. Além disso, para ela, ainda que Aristóteles não ignorasse o fato de que o homem não pode viver fora da companhia de outros homens, ou não considerasse de suma importância o que se chamou posteriormente de sociedade, isso para ele não era uma característica especificamente humana que pudesse distinguir os homens dos demais animais. Formigas, abelhas, cupins, macacos têm sociedades. BARROS FREIRE, Roberto. Tese de doutorado, 2006, p.25.

gregos o homem não é um animal social, animais sociais são as abelhas, as formigas, que agem em sociedade naturalmente determinadas, já os seres humanos, por escolha, decidem abrir mão de suas atividades privadas em prol do bem comum. Concebendo então, que o entrave entre a faculdade da ação política do ser, está na educação para o ser como “animal social”, e não como “animal político” (BARROS FREIRE, 2006). Nesse sentido, as instituições formadoras, ao não educar para vida política, estão reproduzindo o sistema, que mantém as formações apenas no campo social. Criando assim, uma ilusão da realidade.

O texto abaixo é atribuído a Bertolt Brecht pela primeira vez em Terra Nossa: Newsletter of Project Abraço, North Americans in Solidarity with the People of Brazil, reflete exatamente o que o governo atual espera da educação brasileira:

O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que da sua ignorância política, nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaio das empresas nacionais e multinacionais (BRECHT, 1988, p.42).

O cidadão político entende que é a vida em sociedade que o faz humano. A grande virtude humana é se ocupar do coletivo, a partir daí que o ser constrói sua dignidade. Só existe vida humana que seja construída em vida civil, não há outra constituição (MONTAIGNE, 2002). Pensando nessa definição, como pode o cidadão não se interessar por política? Se foi a partir dela que se constitui a vida em sociedade? Seria a população enganada e levada a acreditar que a política é algo ruim, reservado apenas a alguns?

Dessa maneira pressupõe uma estratégia de resistência a uma disseminação da ideia de que o indivíduo não deve discutir política, pensar política, fazer política. Resistir pressupõe exaltar a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que reforça a capacidade crítica, enaltece sua insubmissão. Um modelo tão bem defendido por Paulo Freire, o pensador

brasileiro, estudado nas maiores universidades do mundo, atacado por conta de seus ideais libertários que prezam por igualdade e justiça social. Pois, para Freire (1998):

A sectarização é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre. A radicalização, pelo contrário, é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta. Enquanto a sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica, por isso libertadora. Libertadora porque, implicando o enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva. A sectarização, porque mítica e irracional, transforma a realidade numa falsa realidade, que assim, não pode ser mudada. Parta de quem parta, a sectarização é um obstáculo à emancipação dos homens (FREIRE, 1998, p.35).

Radicalizar pode ser o verbo a ser conjugado, contrapondo a intransigência ou sectarização, a radicalização fomenta a transformação através do pensamento racional, fazendo o indivíduo ativo no processo de formação, percebendo a totalidade das relações humanas, a realidade tal como é, as relações de poder e as possibilidades de mudanças.

Cada vez mais, conforme penso na história, fico convencido de que tudo que vale a pena no mundo foi conquistado pelo espírito livre, inquisitivo, crítico, e que a preservação desse espírito é mais importante do que qualquer sistema social, seja ele qual for. Mas os homens de ritual e os homens de barbárie são capazes de calar os homens de ciência e silenciá-los para sempre (LEWIS, 2017. p.383).

É na concepção marxiana<sup>15</sup> de transformação da realidade que se construiu neste artigo, com sua característica crítica, fazendo do ser humano mais engajado quanto a uma transformação concreta e objetiva de sua realidade. Discutir as

---

<sup>15</sup> O que é a obra e o pensamento Marxiano, é aquilo que é autógrafo. Aquilo que foi escrito pelo próprio Marx, aquilo que é da responsabilidade direta de Marx, que funda uma tradição teórica e política. A partir da obra Marxiana existe uma longa tradição Marxista, tradição essa que amplia, recupera, desenvolve, atualiza, mas, ao mesmo tempo, unilateraliza, aleija, deforma a fonte originária. Dessa tradição derivam os vários Marxismos. Não há um Marxismo”. Cada contexto histórico social influenciou diretamente no tipo de marxismo desenvolvido em cada localidade. Marx é um teórico vinculado à revolução, a revolução não é um problema teórico, mas, sim, um problema de ordem prática política, cada leitor de Marx, leu para buscar uma transformação em sua própria realidade. Os diferentes marxismos são de responsabilidade de Marx, na medida em que se inspiram em sua obra, não o são, na medida em que respondem a contextualização histórica política determinadas. Fragmento do curso “O método em Marx”, ministrado pelo professor José Paulo Netto (2015). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_AIYXnBoaRc](https://www.youtube.com/watch?v=_AIYXnBoaRc).

ferramentas de manipulação política, ou seja, o Anti-intelectualismo, a espiral do silêncio, é desvelar alguns mecanismos de manutenção do modelo econômico capitalista, da contradição explorador e explorado, opressor e oprimido, pois, ao negar a ciência, a intelectualidade, pressupõe-se a conservação da estrutura social tal como está estabelecida.

Em uma nítida luta de classes, nas relações de exploração da classe trabalhadora por uma minoria detentora dos meios de produção, que também detém o conhecimento intelectual, fazendo do país um campeão em desigualdade social, decorrente também da má distribuição de renda e dos baixos investimentos em educação. Identificando também, que existe um hiato de comunicação entre a academia e o cidadão comum, vulnerabilizado e explorado.

A história de todas as sociedades até agora têm sido a história da luta de classes. Homem livre, escravo, patricio e plebeu, barão e servo, membro das corporações e aprendiz, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em contraposição uns aos outros e envolvidos em uma luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre com a transformação revolucionária da sociedade inteira ou com o declínio conjunto das classes em conjunto (MARX; ENGELS, 2008, p.8).

O mascaramento da realidade é do interesse do capital, a negação de uma luta de classes, assim como, o cerceamento do desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva dos que compõem a classe trabalhadora, tema discutido mais especificamente na pesquisa ao qual este artigo participa. Então, caberá tomar a iniciativa a própria classe trabalhadora, na busca de uma educação transformadora e não apenas reprodutora do sistema opressor. Revelar tais sistemas já é parte do início da transformação, na medida em que o ser humano se percebe como parte desse sistema, e que os mecanismos utilizados por este, não são justos e muito menos humanos, a possibilidade de libertação se apresenta. O capital coisifica tudo à sua volta, seres humanos, natureza, são instrumentalizados em favor do lucro de poucos. A pesquisa da qual faz parte este artigo, vem desvelar o tóxico pensamento anti-intelectual impactando a natureza e diretamente os seres humanos, pois a realidade de crise climática é consenso científico, assim como as previsões de catástrofes climáticas, que já ocorrem no planeta. A espiral do silêncio, nessa perspectiva, torna a classe

trabalhadora mais domesticada, suscetível a qualquer onda ideológica, entendendo a ideologia em Marx, como uma falsa consciência da realidade. Intimidada diante da opinião pública se aquieta. Diante da condição de explorada, se aquieta. Não há como fazer uma leitura crítica da realidade apresentada até aqui, sem se indignar. Indignação pode ser o primeiro passo para a radicalização no sentido Freiriano.

Radicalizar significa estar apto a agir, partindo da criticidade, buscar maneiras de transformar a realidade. É papel das instituições de ensino, desenvolver pensamento crítico o suficiente, para transformar a condição da produção material da vida. Para Michéle Sato, entrevistada da pesquisa a qual este artigo participa:

[...] acho que nossa capacidade de indignação é também nossa resistência, a capacidade de dizer não, eu posso não poder fazer muita coisa, mas que fique registrado minha indignação, é uma forma nossa de resistência [...]

Não se pode considerar que seja justo em um país, um ser humano desfrutar do direito a uma casa, comida, banho diário, quando outros, estão nas ruas, remexendo o lixo em busca de comida, sem um teto, com seu habitat explorado e degradado. Não adiantará discutir meio ambiente e crise climática sem considerar a causa da degradação. O sistema capitalista é o responsável pela fome, pela violência, pela degradação ambiental, ou seja, pela crise social, ambiental, climática que se instaura no país.

### **Últimas Considerações:**

Descrever e interpretar as implicações do Anti-intelectualismo no país, proporcionou um significativo aprendizado, especialmente na perspectiva de transformação da realidade, na denúncia de um fenômeno prejudicial, reafirmando a possibilidade de uma sociedade mais justa, mais sustentável. No aporte do Materialismo Histórico Dialético o desvelo dos impactos do fenômeno anti-intelectual, evidenciou uma luta de classes, que é estruturada por um sistema econômico injusto, exploratório e predatório. Quanto ao fenômeno, este se revela como uma ferramenta do sistema capitalista, tendo características próprias,

tornando um risco ao agravamento da crise ambiental, climática e mais recentemente, sanitária.

Diante da realidade do pensamento anti-intelectual no país, também surge a necessidade de se repensar o papel da academia e do intelectual frente a população civil, uma crítica necessária ao academicismo, ao fazer ciência. O intelectual foi colocado no mundo acadêmico, em seu pedestal, e esse conhecimento produzido na academia, não alcançou todas as classes sociais, sendo imprescindível, uma autorreflexão sobre o papel da ciência na realidade social, de como se faz necessário que o conhecimento chegue a toda população, para que essa não fique à mercê das notícias falsas nas redes sociais, discursos autoritários.

Os discursos a favor da ciência e de uma sociedade mais justa, sustentável, especialmente com justiça ambiental, buscam criar mecanismos de transformação e emancipação, entendendo a necessidade de visibilização das crises, especialmente das causas de tais crises. Não há neutralidade nesta pesquisa, há a necessidade de se discutir um modo de vida humana que contemple todas as formas de vida planetária, que se atente a necessidades de todos os seres. Que eduque a população, de forma que consiga encontrar meios dignos de suprir suas necessidades, distribuindo renda justa, para que assim consigam encontrar tempo, para pensar o meio em que vivem e sua condição de finitude.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**/ Nicola Abbagnano: Introdução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes.2000.

ACSELRAD, Henri. Espectro do Anti-intelectualismo Tropical. **Le monde Diplomatique**. 2018. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/espectros-do-anti-intelectualismo-tropical/> Acesso em: 05 de janeiro de 2019.

AGÊNCIA, Senado. Escola sem Partido deve voltar a discussão no congresso em 2019. **Agência Senado**. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2018/12/escola-sem-partido-deve-voltar-a-discussao-no-congresso-em-2019> Acesso em: 22 de abril de 2020.

ALDRIN, S. Ronie. As 26 principais violações ao meio ambiente feitas por Jair Bolsonaro. **Carta Capital**. 2019. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/brasil-debate/as-26-principais-violacoes-aomeio-ambiente-feitas-por-jair-bolsonaro/> Acesso em: 2019.

ALMEIDA, Marco Rodrigo. O discurso de posse de Bolsonaro foi pura ideologia, dizem intelectuais. **Folhapress**. 2019. Disponível em: <https://www.folhapse.com.br/politica/politica/bolsonaro/2019/01/04/NWS,92314,7,1267,POLITICA,2193-DISCURSO-POSSE-BOLSONARO-FOI-PURA-IDEOLOGIA-DIZEM-INTELECTUAIS.aspx> Acesso em: 22 de abril de 2020.

ALVES, José Eustáquio Diniz. O voto dos evangélicos garantiu a eleição de Bolsonaro. **Unisinos. ihu Revista On line**. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584304-o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro> Acesso em: 20 de abril de 2020.

AMADO, Guilherme. Weintraub quintuplicou salário no Banco Mundial. **Época. Globo**. 2020. Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/weintraub-quintuplicara-salario-no-banco-mundial-1-24486398> Acesso em: 16 de agosto de 2020.

BARRAGÁN, Almudena. Cinco Fake News que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro. **El País**. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547\\_146583.htm](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.htm) Acesso em: 22 de abril de 2020.

BASILIO, Ana Luiza. Queremos uma garotada que não se interesse por política, diz Bolsonaro. **Carta Capital**. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/queremos-uma-garotada-que-nao-se-interesse-por-politica-diz-bolsonaro/> Acesso em: 20 de novembro de 2019.

BRECHT, Bertold. Texto atribuído a Bertolt Brecht pela primeira vez em **Solidarity Terra Nossa: Newsletter of Project Abraço, North Americans in with the People of Brazil**, Vols. 1-7 (1988, p. 42).

CALDAS, Álvaro. O mau cheiro do fascismo tupiniquim. **Ultrajano.com**. 2018. Disponível em: <http://www.ultrajano.com.br/o-mau-cheiro-do-fascismo-tupiniquim/> Acesso em 20 de abril de 2020.

CORREA, Edvaldo, S. **O início da Guerra Fria nas páginas da imprensa escrita brasileira (1946-1949)** Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 18, núm. 1, janeiro-abril, 2014, pp. 325-359 Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Brasil. 2014.

CUNHA, Diogo. Anti-intelectualismo, culto da ignorância e autoritarismo: Bolsonaro e o ataque às universidades Federais. **Carta Maior**. 2019. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Anti-intelectualismo-culto-da-ignorancia-e-autoritarismo-Bolsonaro-e-o-ataque-as-universidades-federais-/4/44011>. Acesso em 02 de maio de 2019.

FRATESCHI, Yara. Butler, Davis e Fraser: feminismo e democracia. **Café Filosófico**. 1 Vídeo (51:33) Canal Café Filosófico. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R5Z9srVsCaU> Acesso em 22 de abril de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25<sup>a</sup> ed. (1<sup>a</sup> edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Roberto de Barros. **Participação Política como Exercício de Cidadania**. Roberto de Barros Freire. Departamento de Filosofia da USP, SP. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2006. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-01112007-154422/publico/TESE\\_ROBERTO\\_BARROS\\_FREIRE.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-01112007-154422/publico/TESE_ROBERTO_BARROS_FREIRE.pdf) Acesso em: 30 de outubro de 2019.

HOFSTADTER, Richard. **Anti-intelectualismo nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HOHLFELDT, Antônio. Espiral do Silêncio. **Revista Eletrônica Famecos PUCRS**. nº 08. Semestral. Porto Alegre, 1998. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5466/3967> Acesso em: 22 de abril de 2020.

HOLANDA, Marianna. Deixamos a teoria da evolução entrar nas escolas, disse Damares Alves. 2019. **Estadão**. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,deixamos-a-teoria-da-evolucao-entrar-nas-escolas-disse-damares-alves,70002673258> Acesso em: 20 de novembro de 2019.

LEWIS, S. **Não vai acontecer aqui**. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

LICHTERBECK, Philippe. Brasil, um país do passado. **Deutsche Welle DW**. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasil-um-pa%C3%ADs-do-passado/a-46477566>. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

MAGALHÃES, Mauro. Indecisos consentem com as ideias nazifascistas do bolsonarismo. **The Intercept**. 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/09/25/ideias-nazifascistas-bolsonarismo/?comments=1> Acesso em: 23 de abril de 2020.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 1º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARX, Karl. **A ideologia Alemã**. In: VV. AA. Os filósofos através dos textos. Trad. Constança Terezinha M. César. São Paulo: EDUSC, 1997.

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro chama coronel Brilhante Ustra de herói. **G1 Globo**. 2019-a. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/08/bolsonaro-chama-coronel-ustra-de-heroi-nacional.ghtml> Acesso em: 22 de abril de 2020.

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT. **G1 Globo**. 2018b. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml> Acesso em : 22 de abril de 2020.

MEIER, Celito. **Filosofia: por uma inteligência da complexidade**: volume único. 2º Edição. Belo Horizonte: Pax Editora e distribuidora, 2014.

REIS, K.F.M., SENRA, R.E.F. | O anti-intelectualismo e a espiral do silêncio: a manutenção da ignorância e o medo do isolamento como estratégia política

MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaio Livro I**. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **La espiral del silencio** o Opinión Pública: nuestra piel social. México: Ed. Paidós, 1995.

OLIVEIRA, Cida. Glifosato causa câncer, dezoito mil processos contra a Bayer. **Rede Brasil Atual RBA**. 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2019/07/glifosato-cancer-18-mil-processos-bayer/> Acesso em: 10 de set de 2019.

PAINS, Clarissa. Menino veste azul e menina veste rosa. **O Globo**. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damara-alves-em-video-23343024> Acesso em: 10 de set de 2019.

PASSARELLI, Hugo. Ideia de Universidade para todos não existe, diz Véz. **Valor Econômico**. 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/01/28/ideia-de-universidade-para-todos-nao-existe-diz-ministro-da-educacao.ghtml> Acesso em: 20 de novembro de 2019.

REIS, Kathy de F. M. dos; SENRA, Ronaldo Eustáquio F. **O Anti-intelectualismo, o negacionismo e a Educação Ambiental: Implicações ao Debate da Crise Climática**. Pará de Minas, MG: VirtualBooks Editora. Publicação 2020. Edição epub. ISBN 978-65-5606-080-4. Disponível em: [file:///C:/Users/kathy/Downloads/O-ANTI-INTELECTUALISMO\\_-O-NEGACIONISMO-1%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/kathy/Downloads/O-ANTI-INTELECTUALISMO_-O-NEGACIONISMO-1%20(1).pdf) . Acesso em 09 de março de 2021.

REIS, Kathy de F. M. dos; SENRA, Ronaldo Eustáquio F.1 Video: (18:59) Anti-intelectualismo e Educação Ambiental: Kathy Reis. **Canal Ronaldo Senra Youtube**. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=dFpLEkfqQAg&t=340s&ab\\_channel=RonaldoSenra](https://www.youtube.com/watch?v=dFpLEkfqQAg&t=340s&ab_channel=RonaldoSenra) . Acesso em: 09 de março de 2021.

RIBEIRO, Janaina. Vamos metralhar toda a petralhada, diz Bolsonaro em campanha no Acre. **Exame**. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/> Acesso em 22 de abril de 2020.

ROQUE, Tatiana. Intelectuais de Internet chegam ao poder: a luta de classes do saber. **Le monde Diplomatique**. 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/intelectuais-de-internet-chegam-ao-poder-a-luta-de-classes-do-saber-2/> Acesso em 25 de set de 2019.

ROSSI, Marina. Seis brasileiros concentram a mesma riqueza que a metade da população mais pobre. **EL País**. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/22/politica/1506096531\\_079176.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/22/politica/1506096531_079176.html) Acesso em: 22 de abril de 2020.

SALDANÃ, Paulo. MEC estende corte de verbas a todas as universidades. **Folha Uol**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/mec-estende-corte-de-30-de-verbas-a-todas-universidades-federais.shtml> Acesso em: 22 de abril de 2020.

SCHUQUEL, Tayná. Brasil. Eu sou a Constituição, diz Bolsonaro. **Metrópoles.com**. 2020. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/eu-sou-a-constituicao-diz-bolsonaro-apos-ato-pro-intervencao> Acesso em: 22 de abril de 2020.

TIBURI, Márcia; CASARA, Rubens. Ódio à inteligência: sobre o Anti-intelectualismo. **Revista Cult.** 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/50931-2/> Acesso em: 19 de set de 2019.

TOKARNIA, Mariana. O Enem tem 5,1 milhão de inscritos. **Agência Brasil EBC.** 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-05/enem-tem-51-milhoes-de-inscritos-confirmados> Acesso em: 22 de abril de 2020.

WEINTRAUB, sugere prender ministros do STF em vídeo de reunião ministerial. **CNN Brasil.** 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/05/22/weintraub-sugere-mandar-prender-ministros-do-stf-em-video-de-reuniao-ministerial> Acesso em: 16 de agosto de 2020.